

Revista PIBID

Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência



UFRRJ



CAPES

Revista nº 3 - Fevereiro de 2014
ISSN 2236-4471

Esperança. É o sentimento que nos toma diante do pensar a Iniciação à Docência. Recordamos a sala de aula e a atuação do professor diante das dificuldades encontradas no cotidiano escolar.

Formação docente. Responsabilidade. Muito se diz sobre a formação docente no meio acadêmico. Porém, atualmente, a questão da iniciação à docência tem assumido um lugar de destaque nos centros de estudos e universidades brasileiras. Como desenvolver e gerar sentimentos bons nos licenciandos de forma tal que tenham interesse pelo magistério? Na sociedade globalizada e tecnológica em que vivemos, atualmente, parece ser muito difícil... O confronto entre o quadro de giz e as novas tecnologias serve para alguns professores como um avanço, para outros um grande problema. Como pensar a Educação e a sala de aula nos dias atuais? Como incentivar os nossos licenciandos para a efetiva atuação no magistério? Os relatos que nos presenteiam os licenciandos mostram um painel de adjetivos muito contundentes para os professores como cansados, impacientes, decepcionados. Mas, também, não deixamos de ouvir tantos outros como esperançosos, persistentes e articulados... A sociedade ainda está caminhando para o entendimento de que não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão, já diz o pensamento freireano. Como desenvolver o sujeito crítico e consciente de sua atuação na sociedade se não pela Educação? São ações articuladas entre a Educação Básica e a Educação Superior que vão promover o equilíbrio na Educação.

Atualmente, percebemos que está havendo uma preocupação com os cursos de licenciaturas e com o professor. Com isso, sabemos de vários incentivos que possibilitam as estratégias de valorização do magistério. O incentivo que as Instituições de Ensino Superior vêm recebendo, originários de ações governamentais, tem sido



Foto: Arquivo Pessoal

Sara Araújo Brito Fazollo

Possui Graduação em Letras- Português/Espanhol pela UFRJ (1996), Especialização em Língua Espanhola e Literaturas Hispânicas pela UFF (1997), Mestrado em Letras Neolatinas (área de concentração: Literaturas Hispânicas) pela UFRJ (2001) e Doutorado em Letras (área de concentração: Estudos de Linguagem, subárea de Estudos Linguísticos) pela UFF (2008). É Professora - Adjunto Doutor II - da UFRRJ do Curso de Letras (Português / Espanhol), onde atuou como Coordenadora dos Cursos de Licenciatura em Letras (Português/Espanhol e Português/Literaturas) de fevereiro de 2010 a agosto de 2011 e, também, desde abril de 2010 como Coordenadora de área do PIBID. Hoje está à frente da Coordenação Institucional Pro Tempore do Edital PIBID/UFRRJ 2009.

de grande relevância para o desenvolvimento e crescimento dos cursos de Licenciaturas.

Nesse cenário, a UFRRJ vem participando de vários Programas de Incentivo tanto para o professor como para os estudantes, entre eles o PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, desde o primeiro edital, em 2007, com 5 cursos de licenciaturas. A inserção de novas áreas das Licenciaturas possibilitou o aumento de subprojetos no edital de 2009, com o ingresso de mais 8 cursos de Licenciaturas e, em 2011, com mais 11. Atualmente, a universidade conta com 246 licenciandos bolsistas de iniciação à docência, 32 professores supervisores que atuam na educação básica e 24 professores do ensino superior, sendo 20 como coordenadores de área, 2 coordenadores de área de gestão de processos educacionais e 2 coordenadores institucionais.

Esse crescimento reflete os resultados já alcançados e os impactos que podemos perceber com as ações e estratégias desenvolvidas pelo PIBID, tanto na formação dos licenciandos, quanto na formação continuada dos professores envolvidos da Educação Básica e da UFRRJ.

Nesse sentido, esse Programa proporciona aos estudantes um universo diferenciado na carreira do magistério, numa concepção de que ensinar não é transferir conhecimento, como afirma Paulo Freire, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Nesse processo de construção, os bolsistas PIBID têm a oportunidade de atuar no contexto da sala de aula, no fazer pedagógico e, também, nas vivências e experiências do cotidiano escolar. Com isso, possibilita aos envolvidos experiências de formação em que os sujeitos se constroem e se desconstroem, na medida em que atuam na sociedade para promover mudanças, tornando-os mais participativos e críticos na sociedade em que estão inseridos, contribuindo, assim, para o exercício do magistério e para o direcionamento de novos olhares sobre a realidade escolar.

As ações deste Programa, também, têm fortalecido a divulgação da existência de uma universidade pública e gratuita para um público fora dos muros da IES. O PIBID aproximou

o cotidiano da escola básica com o ensino superior possibilitando as condições para que os estudantes pudessem conhecer e acreditar que são capazes de ingressar na educação de nível superior, e numa instituição pública. As barreiras estão se rompendo, e a UFRRJ vem contribuindo decisivamente para a integração entre a educação básica e a educação superior, proporcionando a interlocução de saberes e, conseqüentemente, levando as escolas a repensar os seus currículos, incluindo ações inovadoras que geram resultados positivos ao longo do processo de ensino.

E aí surgem novas perguntas: o que estão aprendendo os nossos alunos com esses incentivos? Qual é a contribuição desse Programa para a formação docente, os futuros professores, para os alunos da educação básica e para a sociedade como um todo? Para G. Chalita “ser professor é semear em terreno sempre fértil e se encantar com a colheita. Ser professor é ser condutor de almas e de sonhos, é lapidar diamantes”. E é isso que nós, enquanto professores, fazemos ou tentamos fazer; lapidar a pedra bruta numa incansável leveza do ser. Esse ser que muitas vezes necessita de um acalanto para elevar a alma, no sentimento de ter e de ver o trabalho cumprido.

Como resultado dessa colheita, encantamo-nos com este terceiro número da Revista PIBID-UFRRJ. Nesta, apresentamos os frutos de um terreno fértil como a iniciação à docência na perspectiva de contribuir para um mundo melhor, mais equânime entre as sociedades, mais justo e humanizado, nos tempos em que florescem as novas tecnologias e as ciências continuam caminhando rumo ao inexplicável.

Venha conosco desfrutar dessa produção do saber, na incansável labuta de sermos professores e formadores de professores!

Sara Araújo Brito Fazollo

Coordenadora Institucional *Pro Tempore* do Edital PIBID/UFRRJ 2009

Ana Maria Dantas Soares
REITORA

Eduardo Mendes Callado
VICE-REITOR

Lígia Cristina Ferreira Machado
PRÓ-REITORA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO

Roberto Carlos Costa Lelis
PRÓ-REITOR DE PESQUISA E POS-GRADUAÇÃO

Katherina Coumendouros
PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO

Cesar Augusto Da Ros
PRÓ-REITOR DE ASSUNTOS ESTUDANTIS

Pedro Paulo de Oliveira Silva
PRÓ-REITOR DE ASSUNTOS ADMINISTRATIVOS

Nidia Majerowicz
PRÓ-REITORA DE ASSUNTOS FINANCEIROS

PIBID

Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência

Liliane Barreira Sanchez
COORDENADORA DE GESTÃO DE PROJETOS EDUCACIONAIS - 2009

Anderson Moraes
ASSESSOR DA COORDENAÇÃO INSTITUCIONAL

Luciana Dilásio Neves
COORD. DE ÁREA - Subprojeto Belas Artes
Colaboradores: Prof. Arthur Gomes Valle; Prof. Bruno Matos Vieira

Helena Regina Pinto Lima
COORD. DE ÁREA - Subprojeto Biologia
Colaboradoras: Profª. Doria Maria Saiter Gomes; Profª. Maria Mercedes Teixeira da Rosa; Profª. Maria Verônica Leite Pereira Moura

Aparecida Maria Abranches
COORD. DE ÁREA - Subprojeto Ciências Sociais
Colaborador: Prof. Vladimir Lombardo Jorge

Francisco José Dias de Moraes
COORD. DE ÁREA - Subprojeto Filosofia
Colaboradora: Prof. Nelma Medeiros

Sara Araújo Brito Fazollo
COORD. DE ÁREA - Subprojeto Letras/IM
Colaboradora: Prof. Rosineide Guilherme da Silva

Maria do Rosário da Silva Roxo
COORD. DE ÁREA - Subprojeto Letras/Seropédica
Colaboradora: Profª. Simone Orlando

Cássia Maria Baptista de Oliveira
COORD. DE ÁREA - Subprojeto Pedagogia/IM

Eliane Fazollo Freire
COORD. DE ÁREA - Subprojeto Pedagogia/Seropédica
Colaboradoras: Profª. Fabricia Velásquez; Profª. Maria Angélica Coutinho

REVISTA PIBID

Sabrina Dias - MTb -
Jornalista Responsável

Cynthia Dias e Sabrina Dias
Projeto Gráfico e Diagramação

Ana Beatriz Sacramento, Lucas Lacerda, Mariana Ribeiro, Phelype Gonçalves e Sandro Schütt
Produção e Reportagem

Liliane Barreira Sanchez
Revisão

Capa
Figura: cedida pelo Subprojeto Belas Artes
Arte: Cynthia Dias

Apoio Institucional
Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES

Revista PIBID

Publicação anual, distribuição gratuita
Tiragem: 1000 exemplares
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Pró-Reitoria de Graduação
BR 465, Km 07 - Prédio Principal, Sala 92
23897-000 - Seropédica-RJ
<http://r1.ufrrj.br/graduacao/paginas/home.php?id=PIBID>
pibid.ufrrj@gmail.com

Opinião

A atuação da UFRRJ junto ao PIBID6

Licenciaturas em Foco

Ações do PIBID na UFRRJ10

Belas Artes

Ideias que se tornam educação14

Biologia

Investimento em novos educadores18

Ciências Sociais

Direitos Humanos na educação básica22

Filosofia

O resgate do ensino da disciplina através do PIBID.....26

Letras IM

Sobre superações, esperanças e desafios30

Letras Seropédica

Trabalhando com textos midiáticos36

Pedagogia IM

A prática docente como elemento de formação40

Pedagogia Seropédica

O lixo e a questão do meio ambiente44

Entrevista

A atuação do PIBID/UFRRJ no CAIC48

Entrevista

O suporte técnico do PIBID na UFRRJ52

Eu Recomendo54

Quem Faz

Equipe de estagiários que colaboraram com a revista...58

Capa

Teatro de Sombras.....62

“
A educação pode tudo: ela faz **dançar** os ursos.”

Wilhelm Leibniz



<http://cienciart.wordpress.com>



www.wikipedia.com.br

“
Não é uma **alma** nem um **corpo** que se formam,
é um ser **humano**.
Não se deve separar uma coisa da outra.”

Michel de Montaigne

“
A educação é uma **descoberta** progressiva
da nossa **própria** ignorância.”

Voltaire



<http://commons.wikimedia.org>

“
Não devemos **acreditar** na maioria que diz que
apenas as pessoas **livres** podem ser educadas, mas sim
acreditar nos filósofos que dizem que só as **pessoas**
educadas são livres.”

Epicteto



<http://ceheginpaco.wordpress.com>



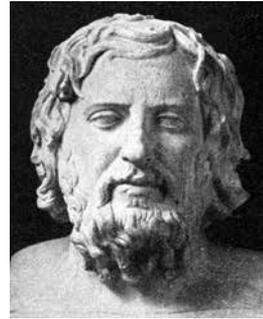
<http://etc.usf.edu>

“ Para cada florim investido na **guerra**, cem deveriam ser investidos na **educação**.”

Martinho Lutero

“ Interrogar é **ensinar**.

Xenofonte



www.wikipedia.com.br



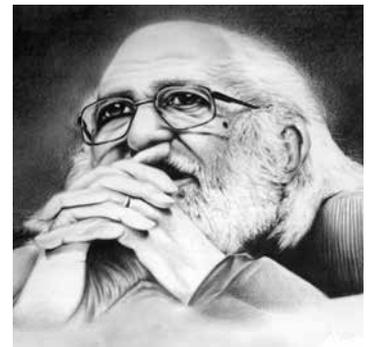
<http://anotacoes.folhadirigida.com.br>

“ Um excelente **educador** não é um ser humano perfeito, mas alguém que tem a **serenidade** para se esvaziar e sensibilidade para aprender.”

Augusto Cury

“ Me **movo** como **educador**, porque, primeiro, me **movo** como **gente**.”

Paulo Freire



<https://artnaveia.wordpress.com>

A atuação da UFRRJ junto ao PIBID

Formando docentes críticos

Em entrevista, Lígia Machado – Pró-Reitora de Graduação da UFRRJ – que é doutora em Educação pela UFF (2007) e professora do Instituto Multidisciplinar, explica a relação entre a Pró-Reitoria de Graduação - PROGRAD e o programa de formação de docentes, PIBID. Ela fala também sobre como o programa ampliou a concepção de docência através de pesquisas e imersão no cotidiano escolar, de modo a dar visibilidade ao professor como sujeito produtor de conhecimento.

Quais são as ações da Pró-Reitoria para estímulo à formação de docentes?

Hoje temos um grande investimento nos cursos de licenciatura. Primeiro, temos uma Comissão Permanente de Formação de Professores (CPFP), que está sendo revitalizada com representação da PROGRAD, dos departamentos de Educação e Psicologia, que possibilita realizar estudos para o encaminhamento de propostas de políticas para a formação de professores.

A proposta dessa comissão se dá a partir da deliberação nº138 de 11 de dezembro de 2008 e tem como missão acompanhar e coordenar o Programa Institucional de Formação de Professores da Educação Básica na UFRRJ. Então, temáticas e situações relacionadas à própria organização dos cursos de licenciatura devem ser tratadas, analisadas e avaliadas pela Comissão Permanente de Formação de Professores.

O PIBID – programa do qual a Universidade participa desde o primeiro edital, lançado em 2007 – tem sido um espaço importante para consolidação dos cursos de licenciatura, pois, além de outros aspectos, contribui para uma avaliação interna da perspectiva formativa nos



Lígia Machado

cursos de licenciatura. Foi uma ação decisiva por parte da Universidade tomar parte nesse programa, que, para além da valorização do magistério e consequentemente dos cursos de licenciaturas, foi possível ampliar o sentido de docência: a ideia de que a docência não é exclusivamente a atuação que se realiza na sala de aula; a ideia de que a docência é um lugar político acima de qualquer coisa; a ideia de que a formação para a docência se dá efetivamente na articulação entre teoria e prática. O PIBID possibilita a imersão dos alunos nas escolas desde cedo, viabilizando essa articulação entre teoria e prática, que se traduz em um processo intenso de reflexão-ação. Por isso mesmo, temos constatado uma produção significativa fantástica dos alunos bolsistas através de artigos, de participações em eventos, de monografias e em ações

“O PIBID é hoje o grande programa de incentivo à formação de professores.”

propositivas, como elaboração de materiais pedagógicos.

O PIBID é hoje o grande programa de incentivo à formação de professores. Ele dá essa possibilidade de articular teoria e prática, de refletir sobre questões do cotidiano escolar e de entender a docência em uma perspectiva mais complexa do que simplesmente a de um professor que transmite conhecimentos de uma área específica. Dentro da perspectiva do PIBID e dentro da concepção da Universidade, assume-se a visão de um professor que precisa refletir sobre questões diversas que atravessam o cotidiano escolar para fazer intervenções seguras. O professor não é exclusivamente um transmissor de conhecimento, ele é mediador do processo de ensino-aprendizagem. Se tivéssemos um triângulo pedagógico, teríamos em um vértice o conhecimento, em outro o aluno e no outro o professor, todos sempre se articulando entre si em via de mão dupla.

Em sua fase de execução, o PIBID tem cumprido muito bem essa tarefa. E isto se deve a condução comprometida e responsável dos coordenadores institucionais dos diferentes editais do PIBID e em diferentes períodos – Professora Lana Claudia Fonseca (IE), Professora Rosa Maria Mendes (IB), Professora Sara Fazollo (IM), Professora Liliane Sanchez (IE), Professora Solange Brandolim (IB) e também dos coordenadores de área.

Também nesse nosso compromisso com a educação, temos incentivado a representação de professores junto à CONAE (Conferência Nacional de Educação) – que ocorrerá em fevereiro. Para isso, temos professores, alunos e técnico-administrativos acompanhando os

fóruns intermunicipais e fóruns estaduais, para garantirmos representação da Universidade na conferência nacional que vai discutir e revisar a versão do Plano Nacional de Educação – nossa maior diretriz em termos de educação para a próxima década.

Também na formação de professores, podemos destacar o PARFOR, voltado para a formação continuada de professores das redes públicas. Atualmente, contamos com duas turmas de Pedagogia, duas turmas de Letras, uma turma de História e, ainda, uma turma de segunda licenciatura em Filosofia. Esse trabalho de formação continuada de professores da educação básica é um trabalho diferenciado, justamente porque esses professores em exercício trazem suas experiências e, nesse movimento, resignificam suas próprias práticas e nossa concepção de docência dentro da universidade. Então, é um movimento de mão-dupla que vincula a universidade com as escolas e com os professores em exercício.

E quanto à estrutura de apoio que a Universidade oferece para o PIBID em contrapartida à CAPES?

- Há algum tempo a PROGRAD tem disponibilizado um funcionário – a servidora Camila e agora o servidor Anderson – para fazer o acompanhamento e o apoio do programa. Além disso, há também um estagiário para dar suporte à algumas demandas de natureza técnica. Então, temos o servidor que está junto à PROGRAD em Seropédica e o estagiário no *campus* de Nova Iguaçu. Assim, temos esse apoio nos dois *campi* com cursos de licenciaturas e que tem projetos PIBID.

Hoje em dia, estamos tentando buscar um espaço físico para ampliar o atendimento ao PIBID. Um espaço que atenda não apenas ao PIBID, mas também a outros programas institucionais, como o PET, a mobilidade nacional e internacional. Daqui pra frente, a ideia é trabalhar numa visão prospectiva, de modo que possamos apoiar de forma mais eficiente não somente o PIBID, mas todos os programas institucionais.

Por Sandro Schütt



Olhares



INSTITUTO DE CIÊNCIAS
INSTITUTO

Ações do PIBID na UFRRJ

Uma política de formação docente inovadora

O PIBID é um Programa do Ministério da Educação, coordenado pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), cujo objetivo principal é o incentivo à formação de professores para a educação básica e a elevação da qualidade da escola pública. Para tanto, financia despesas relacionadas a essas ações, bem como concede diversas modalidades de bolsas aos seus participantes, dentre eles: coordenadores institucionais, coordenadores de área de gestão de projetos educacionais (ou coordenadores pedagógicos), coordenadores de áreas de conhecimento (ou coordenadores de subprojetos), professores supervisores da educação básica e discentes licenciandos.

A modalidade da gestão pedagógica do PIBID é uma função criada a partir do edital de 2011. Antes disso, o coordenador institucional acumulava funções: ele tinha que cuidar de toda parte administrativa, financeira, da aplicação da verba e da parte pedagógica, cuidar do bom funcionamento das atividades planejadas e das atividades contempladas no planejamento do projeto institucional. Percebendo a necessidade de solucionar esse acúmulo de tarefas, a CAPES criou a função de Coordenador de Área de Gestão de Projetos Educacionais, para auxiliar o trabalho do coordenador institucional.



Liliane Sanchez

Foto: Comunicação PROGRAD

A função deste coordenador está mais voltada para os aspectos pedagógicos do Programa, para supervisionar a qualidade do trabalho desenvolvido no PIBID pela instituição, acompanhando as idas dos bolsistas às escolas; cuidando para que o funcionamento do projeto aconteça como previsto; auxiliando nas dificuldades surgidas, em especial, no tocante à parte pedagógica dos

subprojetos e avaliar a efetividade das atividades propostas para a formação docente. Além disso, ele também assessora o coordenador institucional, atuando como seu “braço direito”.

A dinâmica da relação da coordenação pedagógica com os subprojetos engloba visitas às escolas, realização de reuniões com todos os coordenadores de área e ainda a manutenção de contato com os supervisores e diretores das escolas, contudo, sempre respeitando a autonomia dos profissionais atuantes no projeto.

Com o intuito de promover maior integração entre os subprojetos e divulgar as atividades desenvolvidas, o PIBID UFRRJ edital 2009/2012 realizou o Primeiro Encontro PIBID UFRRJ, que ocorreu na própria universidade, em junho de 2013, tendo a coordenadora pedagógica, professora Liliane Sanchez, a frente da organização. Foram dois dias de programação intensa, com mesa de abertura, mesas de debates e oficinas apresentadas pelos próprios alunos do PIBID, apresentações culturais e artísticas e outras atividades, contando com a participação da comunidade universitária e das comunidades escolares. Este encontro gerou ainda a elaboração de um filme documentário, realizado pela equipe PIBID UFRRJ do subprojeto de Belas Artes.

Outras ações organizadas pela coordenação pedagógica do PIBID foram a publicação de dois livros previstos na elaboração do projeto institucional, com textos e artigos dos docentes e discentes dos diferentes subprojetos, contendo reflexões críticas sobre os trabalhos desenvolvidos, e também a publicação desta já conhecida Revista do PIBID UFRRJ, contendo informações sobre as principais atividades de formação realizadas, com a intenção de divulgar o trabalho e prestar contas à sociedade sobre os investimentos realizados através desta importante política educativa.

Para nos auxiliar a entender melhor como se desenvolvem as ações do PIBID UFRRJ, a coordenadora Liliane Sanchez nos explica que a seleção das escolas participantes pode se dar tanto por uma questão de proximidade com o espaço da universidade, facilitando a locomoção e a entrada dos bolsistas, sem exigir muito custo

“Estamos formando o futuro docente, que será um profissional qualificado no seu campo de conhecimento, no saber teórico aprendido na universidade, mas também no conhecimento prático da realidade escolar que ele já vivencia através das atividades do PIBID...”

de transporte, como por uma questão de especificidade do subprojeto. Cabe ressaltar, porém, que os coordenadores de área possuem total autonomia para escolher as escolas com as quais querem trabalhar.

Em relação ao processo seletivo dos supervisores, o esquema tem funcionado da seguinte maneira: a coordenação pedagógica solicita a indicação de pelo menos três supervisores para a direção da escola e prepara um processo seletivo desses profissionais, para avaliar a adequação de cada um às características necessárias dos subprojetos. Este trabalho de seleção é feito sempre em parceria com os coordenadores de área.

Para o próximo edital do PIBID, que entrará em vigor em 2014, a UFRRJ fará diferente: serão elaborados editais públicos a serem apresentados às escolas escolhidas por cada subprojeto e os coordenadores de área ficarão responsáveis

“Todo trabalho de formação é um trabalho de longo prazo, mas eu pude perceber o desenvolvimento dos meus alunos bolsistas, nos dois anos em que estive como coordenadora de área...”

por essa seleção, repetindo os critérios da CAPES, que atribui a quantidade mínima de 5 alunos e a máxima de 10 alunos por supervisor. No tocante aos coordenadores de área, esses limites são de um mínimo de 5 e máximo de 20 alunos por subprojeto.

A determinação da CAPES é de que o programa ocorra em forma de fluxo contínuo a partir de então, como uma política de formação obrigatória para a atuação dos licenciados. Por isso, em julho de 2013 foi elaborado o regimento nacional do PIBID e o novo edital, lançado em agosto de 2013, já está submetido a ele. Outra novidade é que as universidades que tinham mais de um projeto institucional em vigência, passarão a ter apenas um, unificando a participação dos subprojetos. No caso da Rural, o novo edital contemplou subprojetos de todas as licenciaturas, exceto de Turismo à distância, de Economia Doméstica e de Educação do Campo.

Para a coordenadora pedagógica Liliane Sanchez, a participação dos alunos bolsistas nos eventos acadêmicos e científicos do PIBID é de fundamental importância:

– Estamos formando o futuro docente, que será um profissional qualificado no seu campo de conhecimento, no saber teórico aprendido na universidade, mas também no conhecimento prático da realidade escolar que ele já vivencia através das atividades do PIBID, para além do estágio obrigatório de cada curso. A oportunidade de conciliar essas experiências com um trabalho de reflexão acadêmica próprio da produção de pesquisa no âmbito universitário pode gerar conhecimentos que devem agregar contribuições positivas à prática docente e ao cenário da educação brasileira – explica Liliane.

Como a CAPES tem por objetivo aperfeiçoar a formação dos futuros professores, o PIBID faz a diferença, tanto na formação do aluno licenciando (formação inicial), como na formação do professor de educação básica que já está na sala de aula (formação continuada):

– Através da parceria desenvolvida com o coordenador do subprojeto e com os alunos bolsistas PIBID, o professor supervisor amplia a sua visão, seu campo de conhecimento e renova sua energia, pois os alunos do PIBID, em geral, apresentam uma grande vontade de aprender e de realizar projetos, o que estimula esse professor – destacou a coordenadora.

Liliane relata ainda sua experiência anterior como coordenadora de área, o que reforça sua defesa e credibilidade no programa:

– Todo trabalho de formação é um trabalho de longo prazo, mas eu pude perceber o desenvolvimento dos meus alunos bolsistas nos dois anos em que estive como coordenadora de área no subprojeto PIBID Pedagogia Seropédica. De início, eles produziam um determinado tipo de texto, mas na finalização do projeto produziam outro bem mais aperfeiçoado, com outra qualidade. Eles estavam produzindo reflexões e aprendendo com a prática. E todos eles elaboraram monografias relacionadas às experiências do PIBID. Definitivamente, eu acho que foi muito rico para a formação deles.

Por: Ana Beatriz Sacramento



Olhares

Ideias que se tornam educação

O PIBID de Belas Artes da UFRRJ



Professora Luciana Dilásccio e estudantes bolsistas PIBID de Belas Artes

Foto: Comunicação PROGRAD

A realidade do ensino de Artes apresenta alguns problemas. O conhecido nome “educação artística” às vezes passa longe de uma educação propriamente dita, que leve o aluno a refletir e crescer. Mas, não basta somente enxergar a origem desses problemas na atuação dos professores. É preciso antes entender o processo de formação desses docentes. Muitos sequer são formados em Artes e precisam desenvolver uma forma de ensinar diversos temas complexos e interdisciplinares.

Nesse cenário, o subprojeto PIBID de Belas Artes da UFRRJ busca formar licenciados prontos para assumir este desafio, além de diminuir gradativamente a distância entre Universidade e Escola. Para tanto, a professora coordenadora Luciana Dilásccio Neves orienta 22 bolsistas. O trabalho com o CAIC Paulo Dacorso Filho é desenvolvido por ela desde 2010 e hoje existe também a parceria com a Escola Estadual Mu-

nicipalizada Prof.^a Creuza de Paula Bastos, localizada em Seropédica.

Cultura popular no ensino básico

Na escola Professora Creuza Bastos, que conta com apenas 4 salas e cerca de 100 alunos, são cinco bolsistas PIBID atuando em turmas do quinto ao oitavo ano do ensino fundamental. Uma das propostas é a realização de oficinas temáticas voltadas para a cultura popular. De acordo com Luciana Neves, elaborar os conteúdos junto à escola é um passo importante. E para a estudante-bolsista PIBID Luciana França, do oitavo período de licenciatura em Belas Artes, a experiência passou pela criação e apresentação do teatro mamulengo, oriundo de Pernambuco e da região Nordeste em geral.

A arte da *mão molenga* foi apresentada em uma das edições da Feira Cultural da escola, como parte final do projeto. A atividade foi elaborada

de março a julho, em encontros semanais, devidamente registrados. Antes de levar aos alunos, os bolsistas PIBID apresentaram o projeto para os colegas e para a orientadora, professora Luciana:

– As crianças começaram a levar suas vivências para as histórias. E os personagens estavam relacionados à vida deles. Isso fez surgir um trabalho de dialogar com vivências afetivas, que envolvem temas sociais, familiares, e até a questão do trabalho no campo – contou a professora. A aluna Luciana França complementou informando que no bairro onde está a escola existem muitos sítios. Então, é possível ver o pai ou um tio representado nos personagens.

Além da apresentação na Feira Cultural, o projeto se expandiu e os alunos, ajudados pelos bolsistas PIBID, empenharam-se na construção de um cenário e da continuação do enredo, com improvisação. Enredo este sempre desenvolvido junto às vivências dos alunos, frisaram a professora e os bolsistas.

Espaço de criação

É fundamental a importância do diálogo na aceitação e no desenvolvimento das atividades propostas pelo PIBID. Nesse sentido, a interação entre Universidade e Escola tem permitido uma análise sobre o cenário sociocultural dos alunos e balizado as atividades para um envolvimento com a realidade da escola.

No CAIC Paulo Darcoso Filho, o PIBID Belas Artes já desenvolveu diversas iniciativas, como as oficinas de animação. Thayanne Boffy faz parte do time de bolsistas que promoveu as oficinas:

– Participei de algumas das oficinas de folclore, e aí encontrei a animação – contou a discente, que vê nesta modalidade um futuro para sua graduação e vida profissional. Thayanne teve, através do PIBID, o contato com a sala de aula, com o processo de aprendizagem e até com a “bagunça” dos alunos:

– Pra mim foi uma coisa muito boa, porque não sabia que poderia trabalhar com animação na parte artística. Comecei a querer trabalhar com isso, ensinar isso para as crianças. A gente co-

“Eles não só participavam, eles sempre liam, faziam tudo que a gente pedia, queriam aprender de verdade...”

meçou a dar oficina, pegava o planejamento e tentava inserir coisas como linha, forma e cor dentro da animação – lembrou a graduanda, feliz com o processo. – E ensinávamos algo a mais, como o Cordel, a estética japonesa, e eles ficavam muito animados – completou.

A bolsista e a professora destacam a dedicação dos alunos como elemento importante e também a liberdade de atuação na realização das oficinas, nas quais existe um espaço para a inserção de novas ideias acerca dos temas:

– Eles não só participavam, eles sempre liam, faziam tudo que a gente pedia, queriam aprender de verdade. E o trabalho é longo, são cerca de dois meses. No primeiro mês era só ensinar, mostrar vídeos e *storyboard*, tudo isso antes da parte prática. E eles sempre procuravam saber mais – contou Thayanne, que revelou a gratificação sentida no momento em que transportou a técnica de “artista” para a sala de aula, e como isso deu certo com os alunos.

A professora Luciana acredita na animação como forma de promover a interdisciplinaridade, que é certamente um atrativo para os alunos, onde se pode dividir grupos para desenho, outros para dramatização e criação de enredo, por exemplo. Luciana Neves credita o bom funcionamento do trabalho e o leque de possibilidades à boa articulação com as supervisoras do CAIC, Silvana e também com Carmen, que é a diretora.

Por: Lucas Lacerda



Olhares



Investimento em novos educadores

Os resultados positivos do PIBID na formação de professores



A professora supervisora Ionice Cardoso, a professora Maria Mercedes Teixeira da Rosa e alunos bolsistas

Foto: Comunicação PROGRAD

Há tempos a profissão do professor é alvo de polêmicas: são salários baixos, desvalorização das atividades, menos investimentos em educação, entre outros indicadores. Porém, segundo pesquisa do ano de 2008, realizada pela GFK Indicator – empresa especializada em pesquisa de mercado – os professores do ensino fundamental e médio estão em terceiro lugar, junto com os médicos, no ranking de profissões mais confiáveis pelos brasileiros.

Construindo um elo entre ensino superior e educação básica, um dos objetivos do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) é introduzir futuros docentes na realidade educacional brasileira. Tal Programa existente atualmente em diversas Universidades é responsável por estimular a profissão docente no país.

A Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) abriga 20 subprojetos PIBID em seus *campi* e vem obtendo resultados positivos com seus alunos licenciandos. Um desses subprojetos é o PIBID de Ciências Biológicas, com o subtítulo “Aprendendo com as plantas”, que conta com nove bolsistas licenciandos, uma professora supervisora na escola de atuação e mais quatro professoras do Departamento de Botânica do Instituto de Biologia (IB) da UFRRJ que coordenam o subprojeto. As docentes coordenadoras são: Maria Mercedes Teixeira da Rosa, Doria Maria Saiter Gomes, Maria Veronica Leite Pereira Moura (coordenadora do curso de Ciências Biológicas da UFRRJ) e Helena Regina Pinto Lima, coordenadora oficial do subprojeto, do edital 2009/2012.

Essas professoras selecionam as escolas da região ao redor de Seropédica, traçam perfis e, em par-

ceria com as instituições, enviam estudantes universitários de licenciatura em Ciências Biológicas para exercitarem, na prática, suas futuras profissões, ainda sem estarem “oficialmente” formados para isso. São quatro horas de atividades semanais nas escolas e quatro horas de reuniões na Universidade, que servem para planejamento de atividades para os discentes atendidos pelo PIBID. Além dessa carga horária, os bolsistas participam das atividades pedagógicas da escola, como eventos e feiras científicas.

Os bolsistas executam atividades de acordo com o programa de estudos do professor de Ciências da escola, adequando-se às necessidades dos alunos. De acordo com a coordenadora do subprojeto, Helena Lima, os universitários que fazem parte do Programa adquirem muito mais que “deveres”:

– A gente nota que os bolsistas vão tomando consciência da responsabilidade que têm como educadores, tanto de horas, atividades, e mudam o comportamento, entendem a carência dos alunos. Eles saem daqui (da Rural) com uma bagagem cultural, mas levam consigo o compromisso social – conta.

A respeito do impacto do PIBID na formação continuada das supervisoras do projeto, que são professores das escolas e geralmente dão aula de Ciências, nem sempre a relação é tão boa, quanto nesse caso:

– A Ionice (a supervisora) foi a primeira que completou, de fato, o grupo. Ela atingiu todas as metas necessárias para o desenvolvimento do Programa. Colocou a mão na massa e participa ativamente das reuniões (da escola e das nossas). É dinâmica, animada. Ela é uma parceria fundamental e é essencial o apoio da direção,

“Tentamos agregar o máximo: levamos livros da graduação, montamos atividades práticas e experiências...”



Foto: Arquivo PIBID Biologia

coordenação e supervisão da escola – revelou Helena.

Segundo Ionice de Oliveira Moreira Cardoso, supervisora do PIBID na Escola Estadual Municipalizada Olavo Bilac, que começou a dar aula somente 12 anos depois de formada, os trabalhos e materiais que os bolsistas do subprojeto produzem são proveitosos e essenciais na formação dos estudantes, além de a maioria dos utensílios serem recicláveis e baratos. Para a professora, essas ideias estimulam o educador a fazer e a ensinar do mesmo jeito, mas com métodos diferenciados.

Para Fernando Moura, bolsista PIBID e aluno do 8º período de Licenciatura em Ciências Biológicas da UFRRJ, o Programa tenta sempre dar assistência às aulas de Ciências.

– A gente procura, de certa forma, apoiar o professor da escola e assessorá-lo no dia a dia do programa da disciplina. Tentamos agregar o máximo: levamos livros da graduação, montamos atividades práticas e experiências – diz.



Foto Comunicação PROGRAD

Trabalho expositivo para os alunos da Escola Estadual Municipalizada Olavo Bilac

Como conta a docente do IB, Maria Mercedes Teixeira da Rosa, a proposta do projeto, desde o início, é com o ensino de Ciências, desmitificando as famosas aulas “decorebas”.

– A gente percebe que o interesse das crianças, na grande maioria, é pelos animais. Já as plantas são menos atrativas por não terem tanta dinamicidade. Então queremos mostrar esse outro lado de forma atrativa. Ensinar a disciplina fugindo do convencional, do padrão, sempre foi o nosso objetivo.

Provas, mas de amor

Os dias atuais para os professores não são tão fáceis. Muito ainda precisa ser feito para valorizar, de fato, a profissão. Mesmo assim, é instigante perceber nas pessoas a vontade de querer mudar a realidade, o cotidiano e acreditar na educação como solucionadora de, se não todos, a maioria dos problemas sociais.

Para os professores do PIBID de ciências Biológicas da UFRRJ isso não é diferente. Segundo uma das coordenadoras do subprojeto, Maria Mercedes, é gratificante ver o trabalho dos bolsistas:

– Ser professor é um dom mesmo. Fico feliz de ver que, apesar de a carreira não ser tão valorizada, esses estudantes (os universitários), muitas vezes, querem a profissão para enfrentar justamente esse desafio. Eu admiro muito esses

meninos que acreditam nessa mudança nos dias atuais.

De acordo com um dos bolsistas do projeto, Hatânderon Santos, aluno do 6º período de Licenciatura em Ciências Biológicas da Rural, o PIBID dá oportunidade para os universitários desenvolverem a criatividade e fazerem a diferença de maneira positiva e isso é o que mais motiva:

– Achar um método de ensino diferente e estimular os alunos e o aprendizado deles, tentando nos colocar no lugar deles, é o nosso objetivo – diz o discente.

Para o bolsista Fernando Moura, para ser professor tem que gostar da profissão, por mais que existam pessoas que trabalhem apenas por dinheiro:

– É uma coisa do coração mesmo. Ver o brilho nos olhos deles (dos alunos da escola envolvida no Programa) é maravilhoso. A única coisa que compensa no professor é ver seu aluno se dando bem; ver o aluno gostar da tua aula, de ele entrar numa faculdade. Isso compensa – revela Moura.

Por Phelype Gonçalves



Olhares

Direitos Humanos na Educação Básica

Alunos de Ciências Sociais fazem a diferença



O PIBID UFRRJ de Ciências Sociais desenvolve um subprojeto que aborda o ensino da educação política na educação básica, com foco nas questões dos direitos humanos. Organizado pelos professores Aparecida Maria Abranches e Vladimir Lombardo Jorge, o subprojeto tem tido papel importante na formação dos 20 licenciandos que atuam em duas escolas do município de Seropédica, junto a duas professoras supervisoras.

A interação entre os alunos e os bolsistas do PIBID é fundamental para o subprojeto obter sucesso em suas ações e ter impacto produtivo na formação docente e discente.

O Impacto causado pelo desenvolvimento deste subprojeto nos alunos de graduação que dele participam é mensurado pelos coordenadores em conformidade com as características particulares de cada aluno:

– Pode-se afirmar, de forma geral, que está sendo de grande importância para a formação de-

les, que se envolvem nos encontros, participam de eventos, tais como a Semana de Extensão e a Semana da Baixada do Instituto Multidisciplinar, com material produzido por eles mesmos – explica Aparecida.

Diminuindo a distância entre a Universidade e a Escola

Uma ação bastante positiva que está sendo desenvolvida pelos licenciandos de Ciências Sociais bolsistas do PIBID, é a elaboração de uma cartilha informativa para que os alunos das escolas atendidas possam saber da importância de entrar em uma universidade e como isso pode enriquecer suas vidas. Este material começou a ser desenvolvido após os licenciandos perceberem que havia pouco contato dos alunos do Ensino médio com a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro:

– Havia um estranhamento entre esses dois espaços e a ideia da cartilha é exatamente minimizar esta distância – afirma Emília Fernandes.



Professora Patrícia Barbara Dias Duarte com alunos bolsistas

Foto: Comunicação PRO GRAD

Dica para o professor: Música

As dinâmicas com música são uma das atividades desenvolvidas pelos licenciandos PIBID UFRRJ de Ciências Sociais nas escolas. Através desse elemento cultural, as letras de músicas, algumas conhecidas e outras nem tanto, são colocadas em análise no contexto dos direitos humanos, para que se possa, através delas, reconhecer deveres e direitos que devem ser exercidos pelos cidadãos.

Assim, foi utilizado pelos licenciandos em uma das escolas onde atuam, o funk “Eu só quero é ser feliz”, que gerou um trabalho de análise no qual foram identificados vários trechos da letra que apresentava o exercício da cidadania como reivindicação positiva e necessária.

Por: Mariana Ribeiro

Eu só quero é ser feliz - Cidinho & Doca

Eu só quero é ser feliz,
Andar tranquilamente na favela onde eu nasci, é.
E poder me orgulhar,
E ter a consciência que o pobre tem seu lugar.

Minha cara autoridade, eu já não sei o que fazer,
Com tanta violência eu sinto medo de viver.
Pois moro na favela e sou muito desrespeitado,
A tristeza e alegria que caminham lado a lado.
Eu faço uma oração para uma santa protetora,
Mas sou interrompido à tiros de metralhadora.
Enquanto os ricos moram numa casa grande e bela,
O pobre é humilhado, esculachado na favela.
Já não aguento mais essa onda de violência,
Só peço a autoridade um pouco mais de competência.

Diversão hoje em dia, não podemos nem pensar.
Pois até lá nos bailes, eles vem nos humilhar.
Ficar lá na praça que era tudo tão normal,
Agora virou moda a violência no local.

Pessoas inocentes, que não tem nada a ver,
Estão perdendo hoje o seu direito de viver.
Nunca vi cartão postal que destaque uma favela,
Só vejo paisagem muito linda e muito bela.
Quem vai pro exterior da favela sente saudade,
O gringo vem aqui e não conhece a realidade.
Vai pra zona sul, pra conhecer água de coco,
E o pobre na favela, vive passando sufoco.
Trocaram a presidência, uma nova esperança,
Sofri na tempestade, agora eu quero a bonança.
O povo tem a força, precisa descobrir,
Se eles lá não fazem nada, faremos tudo daqui.

Eu só quero é ser feliz,
Andar tranquilamente na favela onde eu nasci, é.
E poder me orgulhar,
E ter a consciência que o pobre tem seu lugar.
Eu, só quero é ser feliz, feliz, feliz, feliz, feliz,
onde eu nasci.
E poder me orgulhar, é,
Que o pobre tem o seu lugar.



Olhares



O resgate do ensino da disciplina através do PIBID

A filosofia acessível, sem ser banalizada



Professores Francisco Moraes e Nelma Medeiros, com alunos bolsistas PIBID Filosofia

Foto: Comunicação PROGRAD

Movidos pelo objetivo de formar estudantes críticos e questionadores sobre a sociedade na qual atuam, o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) Filosofia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) contribui para o aperfeiçoamento pessoal e intelectual de alunos do ensino médio da rede pública de educação.

Segundo o professor coordenador do subprojeto, Francisco Moraes, responsável pelo tema “redes e processos de (des)subjetivação”, o foco principal está nos materiais produzidos pelos 12 bolsistas.

— O foco é a produção de material didático voltado para a filosofia a partir de textos de filósofos, os quais permitem aos estudantes das escolas compreenderem a disciplina e despertarem comentários, além de se familiarizarem com a

filosofia — explica.

O PIBID UFRRJ Filosofia atua em duas escolas distintas, dividindo os licenciandos entre elas. No total de doze, seis atuam no Colégio Estadual Doutor Albert Sabin, em Campo Grande, e seis no Ciep 155 - Nelson Antelo Romar, localizado no Km 49, no centro de Seropédica.

As reuniões semanais do grupo, que acontecem todas as quartas-feiras, são para decidir quais as atividades serão feitas e como serão coordenadas. João Lomeu, bolsista PIBID e estudante do 9º período de Licenciatura em Filosofia na UFRRJ, atua nos trabalhos do Ciep 155 e diz desenvolver um projeto com o ensino da disciplina voltado para o vestibular dos alunos da escola.

— Pra esse ano pensamos num preparatório de redação para o Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) utilizando textos crus de filosofia, inclusive textos que elaboramos e utilizamos

como materiais didáticos. A gente levaria pra sala, discutiria e interpretaria com eles e a partir da discussão, a gente elaboraria uma redação com um tema proposto pelo filósofo — diz.

Para o coordenador, Francisco Moraes, esse material tem abordagens diferentes dos que existem no mercado, ressaltando pontos mais históricos e informativos.

— Não é um contato direto com textos. A gente acredita que esse contato direto é muito produtivo como acontecimento mesmo, de você ter um acesso a isso e a filosofia aparecer desde ela mesma — conta.

Para Lisane Machado, bolsista PIBID e aluna do 9º período de Licenciatura em Filosofia, também na UFRRJ, a proposta é que o aluno se identifique com o problema apresentado pelo filósofo e reflita sobre as questões sociais.

— Por exemplo, lá no Sabin (mencionando a escola em Campo Grande) foram realizadas diversas atividades elaboradas aqui. O objetivo é que o estudante entenda o contexto do tema, do autor e da obra e, junto da interpretação aberta, dialogue com o cotidiano dos próprios alunos — revela.

Ainda de acordo com Lisane, é essencial existir o PIBID, pois as atividades nele desenvolvidas fogem do método tradicional do ensino.

— A gente pode se aproximar da vivência da sala de aula, da linguagem, e isso rompe com a teoria acadêmica didática, principalmente nas disciplinas de educação — diz.

“É um projeto muito forte e muito importante, que precisa ser abraçado e incorporado pelo aluno como um momento fundamental no crescimento dele como futuro professor.”

O ensino precário dessa disciplina nas escolas, em geral, não conta com professores formados em filosofia. Por isso, o subprojeto tem se comparado com situações diferentes em relação aos seus supervisores: alguns sendo mais atuantes e participativos do que outros.

De acordo com os bolsistas, o principal desafio é passar o aprendizado da disciplina de forma clara e objetiva, sem banalizá-la, mas sem torná-la erudita, rebuscada demais. Além disso, em uma das escolas, conseguir organizar a estrutura para o desenvolvimento do subprojeto foi tarefa delicada. Entretanto, as dificuldades foram superadas aos poucos.

Para o coordenador deste subprojeto, o PIBID vem passando por uma tendência de burocratização em seu funcionamento, a nível nacional:

— É um projeto muito forte e muito importante, que precisa ser abraçado e incorporado pelo aluno como um momento fundamental no crescimento dele como futuro professor. Ele (o Programa) não pode ser transformado, em hipótese alguma, numa espécie de trabalho, no qual se torne um compromisso, onde tenha listas de frequência, horário de ponto, algo simplesmente paterno. Isso não é a finalidade do projeto, e sim, a criação de produção — finaliza.

Por Phelype Gonçalves



Foto: Arquivo PIBID Filosofia



Olhares



Sobre superações, esperança e desafios

O PIBID transformando o cotidiano escolar



Professora Rosineide Guilherme da Silva, alunas bolsistas PIBID Letras IM e Ramon Henrique, estagiário de apoio técnico do PIBID

Foto: Comunicação PROGRAD

O que entendemos por “ensino público”? Em geral, o rotulamos como sendo de má qualidade, um ambiente violento, que acontece num espaço de infraestrutura precária, dentre outras caracterizações negativas. Mas, sabemos que a maior parte dos brasileiros depende dele. E quanto aos estudantes da rede pública? Muitos acreditam que a maioria deles sairá da escola para trabalhar em empregos de baixos salários.

Nesse sentido, consideramos o PIBID mais do que um projeto voltado apenas para a formação de professores. Observamos outros aspectos presentes nesse programa, que estimula o desenvolvimento cognitivo e subjetivo dos atores nele envolvidos, se configurando como possibilidade de esperança e renovação para o ambiente escolar, para que o dia de amanhã seja melhor do que hoje ou ontem, ao menos para aqueles jovens e alunos em contato com o projeto.

Segundo os relatos de bolsistas e supervisores do subprojeto do curso de LETRAS do Instituto Multidisciplinar da UFRRJ, o PIBID representa “algo mais”. Como diz Dinalberta Mendes Gonçalves, supervisora no colégio Rangel Pestana:

— O programa já estava presente nas escolas, em outros cursos. Quando o PIBID de língua portuguesa chegou, eles, de pronto, já viram com outros olhos a dificuldade que existia, viram no PIBID uma porta para a esperança; pessoas que falavam a mesma língua dos alunos, jovens ajudando em sala de aula. O professor é visto como aquela pessoa mais velha que não fala a mesma língua, que não tem o mesmo vocabulário, que passa o conteúdo de uma maneira inacessível. Essa é a ideia que se tem — relata Dinalberta.

Heidi Maria Vieira Silva supervisora do PIBID no colégio Dom Adriano Hipólito e professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasilei-

ra, também diz que a chegada dos bolsistas foi bem vinda à escola, por haver uma identificação etária com os alunos. E o fato de estudarem em uma universidade federal e terem vindo de escolas públicas gerou um notável aumento na autoestima dos alunos:

— O PIBID trouxe aos alunos a perspectiva de que eles também podem entrar em uma universidade, de que eles são capazes. Eles costumavam ficar se perguntando “Será que eu vou conseguir? Será que eu vou ter tempo?” O programa trouxe um novo olhar. Acredito que o PIBID vem trabalhar também a autoestima dos nossos alunos — afirma Heide.

Devido ao fato de vários bolsistas do PIBID serem provenientes da rede pública de ensino, os alunos das escolas parceiras do projeto se veem refletidos naqueles estudantes universitários e os tem como “exemplos” a serem seguidos. Assim, deixam de acreditar que para eles o ensino superior “não passa de um mito”, mas pode sim ser alcançado. Segundo relato dos bolsistas do PIBID/UFRRJ Letras IM, os alunos passam a enxergar melhores possibilidades para suas vidas:

— Eu me lembro do comentário dos alunos das escolas sobre as cadeiras do auditório da RURAL: ‘Nossa! Por que a gente não tem cadeiras bonitas dessas na nossa escola?’. Então, a professora deles comentou: ‘Mas vocês podem vir estudar aqui’. E toda vez que temos a oportunidade de conversar com os alunos, sempre dou o mesmo exemplo: eu fui aluna do Dom Adriano Hipólito; os professores que estão na escola foram meus professores também. Eu sou o exemplo vivo de que o aluno da escola pública pode chegar à universidade e participar de um projeto tão bom quanto esse — relata Ediana Barreto, bolsista PIBID de Letras Português/Espanhol do 5º período da UFRRJ.

Conhecer pessoas que vieram de escolas públicas e que se confrontaram com os mesmos desafios e dificuldades durante o ensino básico, mas que seguiram adiante no processo de escolarização, alcançando o ensino superior, amplia o horizonte dos alunos, transformando suas perspectivas.

“Eu sou o exemplo vivo de que o aluno da escola pública pode chegar à universidade e participar de um projeto tão bom quanto esse...”

Segundo Glauce Alencar, professora de Língua Portuguesa e supervisora do PIBID de LETRAS IM no colégio Dom Pedro I, só havia PIBID nessa disciplina da escola, mas os outros professores perguntavam quando o projeto iria atingir também as outras disciplinas. O PIBID tem sido considerado na escola como “algo mais” para ajudar na aprendizagem dos alunos:

— A diretora já me confessou admirar como os bolsistas ajudam os alunos, como eles veem aquilo com outros olhos, pois eles adquirem uma nova perspectiva com os bolsistas do PIBID trabalhando lá na escola. Pensávamos que este projeto não faria grande diferença, mas de fato, gera uma diferença maior do que acreditávamos — acrescenta Glauce.

Além do resgate da autoestima dos alunos, o projeto traz benefícios também para os professores das escolas públicas e para o meio acadêmico. Seja pela “renovação de energia” que os bolsistas trazem, ou seja pela possibilidade de realização de pesquisas. Segundo Ana Paula de Souza, bolsista PIBID do 7º período de Letras da UFRRJ, o projeto dá a possibilidade de uma convergência interessante:

— O mais interessante no PIBID é a ponte que ele faz entre a teoria e a prática. Com os professores da universidade, vemos apenas a parte teórica e as concepções de linguagem. Mas, como levaremos esse saber para a sala de aula? O PIBID traz a oportunidade de experimentarmos na prática pedagógica o conteúdo teórico que adquirimos na universidade. É um contato



Oficina sobre crônicas realizada com a turma do 3º ano do ensino médio no C.E. Dom Pedro I

Foto: Arquivo PIBID Letras IM

com a realidade, porque, sendo licenciandos, quando terminarmos o curso, seremos nós a ministrar aulas. O PIBID promove esse contato com a realidade, com a prática da profissão. Nos tornamos agentes da prática pedagógica, não apenas observadores — pondera Ana Paula.

Este aspecto é ressaltado também por Heide, supervisora do PIBID Letras IM no colégio Dom Adriano Hipólito:

— O PIBID dentro da escola traz uma diversidade de pensamentos, uma gama de ideias. Nós professores, muitas vezes, quando nos encontramos exaustos e não conseguimos fazer mais do que deveríamos, temos a ajuda das meninas, que chegam com ideias novas e sentamos para planejar as oficinas e as teorias que elas trazem da faculdade. É muito bom para o professor na sala de aula, pois o projeto permite que haja sempre essa renovação. O PIBID possibilita isso sem que precisemos sair da sala de aula: a universidade vai à escola— conclui.

Quando comparavam o PIBID com o estágio habitual na área de Letras, os bolsistas falavam

da diferença entre os métodos usados em cada um. De como o PIBID oferece uma perspectiva mais aberta para possibilidades de experimentação e produção de conhecimento para ambos os meios – acadêmico e escola pública. Como evidencia Rachel Moraes, bolsista PIBID do 6º período de Letras Português/Espanhol da UFRRJ:

— O PIBID trouxe uma proximidade com o que a gente vai fazer depois. Antes tínhamos essa oportunidade com o estágio, mas no estágio tem muita burocracia e ele acaba te limitando muito. Não há um trabalho efetivo com os alunos como há no PIBID. No estágio tudo se resume à supervisão, apenas observação e apenas se o professor te permitir é que você pode fazer alguma coisa com os alunos — explica Rachel.

Para finalizar esta matéria, a aluna Ediana Barreto, bolsista que atua no colégio Dom Adriano Hipólito, faz um apanhado geral sobre como funciona o projeto na prática:

— No início, idealizávamos um projeto que fosse condizente com a realidade dos alunos. Pensamos em algo mais baseado na ação. No come-

“Foi muito bacana, porque os alunos das escolas conheceram o campus todo, com uma visita guiada pela Universidade: Foram à biblioteca, ao laboratório de informática e até ao bandejão”

ço do projeto trabalhamos as regiões nordeste e norte. Focamos na literatura nordestina e no léxico. Trabalhamos esse tipo de leitura com eles para que desenvolvessem suas produções textuais — nos conta a bolsista que participou de uma das primeiras atividades do programa: levar os alunos ao teatro, em Nova Iguaçu, na Casa de Cultura, para assistir a peça ‘O boi bordado de lua’.

Para se prepararem para esta atividade, os bolsistas participaram de um seminário de Identidade da Baixada Fluminense:

— Isso foi muito importante. Foram dois dias de “intensivão”, onde conseguimos reunir bastante material, que usamos numa roda de leitura mais adiante. Com isso, desenvolvemos oficinas. Uma delas foi ‘Vidas Secas’, de Graciliano Ramos — relata Ediana.

Algumas das oficinas realizadas tiveram como temática a Literatura de Cordel. Ediana conta também que os alunos levaram alguns dias no processo de produção: em um dia melhoravam seus textos, em outro produziam a capa. O primeiro evento de escritores da baixada, promovido pela escola Dom Adriano Hipólito, deu a oportunidade desses alunos exibirem os cordéis que produziram:

— Então, nesse evento, os autores da baixada eram os próprios alunos e também convidados, que eram poetas que trabalham nesse ramo e que são também da baixada. Temos até uma professora lá da escola que é da Academia de Letras de Mesquita. A gente fez uma roda de leitura voltada especificamente para o evento do PIBID Letras IM dentro da Universidade, na qual trabalhamos “identidade e alteridade”. Foi muito bacana, porque os alunos das escolas conheceram o *campus* todo, com uma visita guiada pela Universidade: Foram à biblioteca, ao laboratório de informática e até ao bandejão — informa Ediana.

Por: Sandro Schutt



Bolsistas do PIBID na reunião periódica do subprojeto

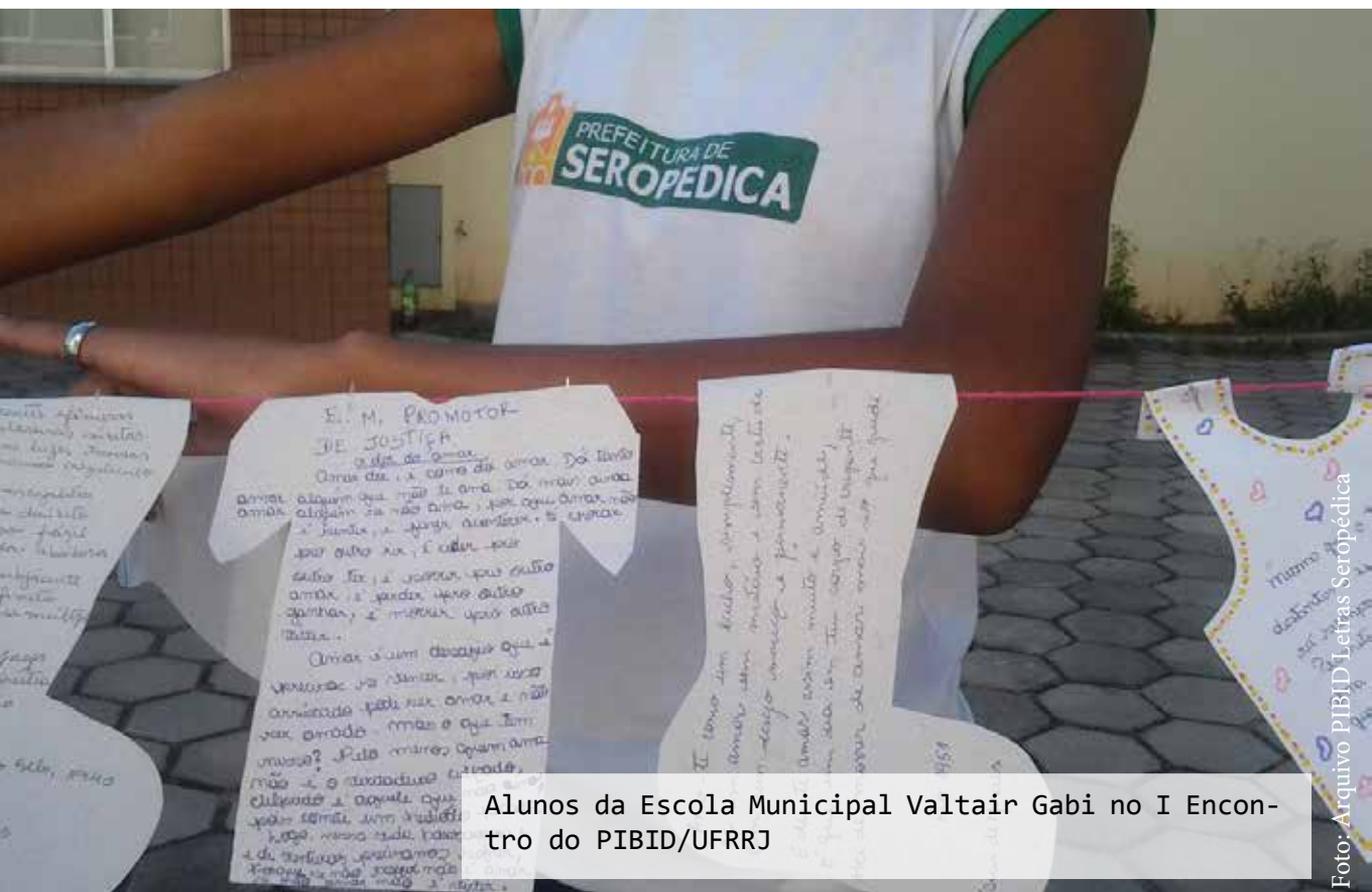


Olhares



Trabalhando com textos midiáticos

O despertar de leitores críticos



Alunos da Escola Municipal Valtair Gabi no I Encontro do PIBID/UFRRJ

Foto: Arquivo PIBID Letras Seropédica

Com início em agosto de 2012, o Subprojeto do PIBID do curso de Letras da UFRRJ do campus Seropédica terminará em fevereiro de 2014. Este subprojeto conta com a participação de uma equipe de 24 alunos bolsistas e quatro professores supervisores e é coordenado pela Professora Maria do Rosário Roxo. O subprojeto atua em quatro escolas do município de Seropédica que são: Escola Municipal CAIC Paulo Dacorso Filho, Escola Municipal Promotor de Justiça, Escola Municipal José de Abreu e Escola Municipal Valtair Gabi.

A ação desenvolvida pelo subprojeto nas escolas parte de um tema central escolhido, desencadeando metas que são discutidas em reuniões periódicas de 15 em 15 dias, com a presença e participação dos supervisores. Nessas reuniões, são discutidas a viabilidade do cumprimento dessas metas nas escolas. No processo de início

“Até agora o impacto sobre os futuros professores tem dado certo”

de execução do programa, os alunos viveram a realidade da escola durante um mês, conhecendo a escola, o ambiente e as pessoas. Alguns bolsistas assistiram aulas e outros já elaboraram pequenas oficinas para serem realizadas nas escolas. Como o foco é trabalhar a docência atrelada ao trabalho de um professor pesquisador, os bolsistas precisam elaborar projetos para serem praticados nas escolas, onde cada equipe produz e ministra oficinas.

— No início, trabalhamos com quatro bolsistas em cada escola e as oficinas que eram feitas funcionavam de forma rotativa, ou seja, o licenciando que dava oficina na Valtair Gabi, por exemplo, ia para outra escola como o CAIC para dar a mesma oficina. Com isso, pudemos notar o impacto de realidades diferentes e a diferença do trabalho de uma escola para outra — explica Maria do Rosário.

O tema proposto e trabalhado no subprojeto são os textos midiáticos, que trazem para a escola gêneros discursivos produzidos na mídia em geral. É trabalhada a interpretação, textualização, recriação em outro gênero e a conscientização desses textos que estão inseridos nas mídias. Busca-se realizar ainda a multi relação entre questões da vida dos alunos, transportando-as para o mundo da expressão midiática.

Maria do Rosário afirma que os bolsistas se envolvem no projeto e na realização das metas:

— Até agora o impacto sobre os futuros professores tem dado certo. Um exemplo desse resultado positivo seria a consolidação do ensino médio no CAIC e a realização de monitorias nas escolas — relata explicando que nessas monitorias, as dúvidas ou assuntos que são tratados na sala de aula são elaboradas em forma de textos, com atividades para ajudar os alunos que querem e precisam de ajuda.

— Há um impacto na relação do trabalho da língua em sua dinamicidade, o que sai do modelo formal de aula, trazendo uma atividade dinâmica com o uso da própria língua. E os alunos bolsistas, que serão futuros docentes, estão atuantes nesse processo — afirma a professora.

“É tamanha a oportunidade que o programa oferece aos alunos de Letras, que em sua maioria são alunos carentes “de saberes” ou do ponto de vista sócio econômico e é uma forma deles se verem na profissão, uma forma dos licenciandos refletirem se é essa a profissão que eles vão querer seguir”

Sobre a dificuldade de verba, Maria do Rosário diz que apesar de algumas dificuldades financeiras que impedem a compra de determinados materiais, um dos objetivos do PIBID de Letras é fazer atividades culturais com os bolsistas para implementar a formação dos licenciandos como futuros professores e propagadores do saber:

— O Impacto na formação dos supervisores é percebido no olhar diferenciado que desenvolvem, que os faz optarem por outra conduta na leitura dos textos teóricos, pois eles começam a relacionar o que lêem sobre os diversos assuntos com o que fazem no dia a dia. Esse é o primeiro impacto, além da leitura dos textos direcionados para a preocupação com “o que fazer” na escola e “como fazer” na escola — relata entusiasmada.



Professora Maria do Rosário, Coordenadora do Subprojeto Letras Seropédica

Foto: Comunicação PROGRAD

Para a Professora Maria do Rosário, a segunda parte importante do impacto do PIBID é a participação dos supervisores na formação dos licenciandos, ajudando-os a desenvolverem autonomia e a entenderem que tipo de explicação e orientação eles deverão dar para os alunos na sala de aula. Assim, os licenciandos aprendem diferentes realidades com os professores que estão há mais de 20 anos na escola e que, com o PIBID, passam também a orientar essas pessoas que estão apenas começando a estudar a profissão docente e, muitas vezes, se encontram em mundos completamente diferentes.

A importância dos supervisores se dá também na organização dos horários das atividades a serem desenvolvidas com os bolsistas na escola. Uma vez ao mês, é realizada uma reunião com os supervisores e a coordenadora para analisar os resultados do subprojeto em cada escola.

— É tamanha a oportunidade que o programa oferece aos alunos de Letras, que em sua maioria são alunos carentes “de saberes” ou do ponto de vista sócio econômico e é uma forma deles se verem na profissão, uma forma dos licenciandos refletirem se é essa a profissão que eles vão querer seguir — afirma a Coordenadora.

Ainda segundo Maria do Rosário, além de trabalhar com a questão de “ser professor”, eliminando o medo de lecionar, o PIBID possibilita que os licenciandos se descubram profissionalmente. É um tipo de projeto bem diferenciado do estágio supervisionado, por ser mais aberto, mais dinâmico na sua complexidade e na relação que estabelece entre as escolas municipais e os licenciandos da Universidade, enriquecendo a formação de ambos.

Por Mariana Ribeiro



Olhares

A prática docente como elemento de formação

O trabalho do PIBID nas escolas gera artigos e monografias



Trabalhos expostos no Primeiro Encontro PIBID UFRRJ

Foto: Arquivo PIBID Pedagogia IM

A coordenadora do subprojeto PIBID/UFRRJ de Pedagogia do Instituto Multidisciplinar (IM), professora Cássia Baptista, do Departamento de Educação e Sociedade (DES), fala sobre a participação dos alunos do curso de Pedagogia no programa e conta como foi a recepção que os alunos e professores das escolas públicas deram ao PIBID. Discorrendo sobre a importância do PIBID para a formação dos alunos de graduação em Pedagogia, ela é direta:

— O PIBID é a experiência com a docência. E esse projeto, em especial, teve o caráter de associar a docência à pesquisa. Então, o aluno de pedagogia teve a oportunidade de, uma vez por

semana, desenvolver um trabalho com as crianças nas escolas e, concomitantemente, desenvolver pesquisas sobre educação na universidade. Tanto que dos dez alunos que participaram do PIBID, dois já passaram em concursos públicos para a docência. Além disso, o PIBID possibilitou a elaboração de quatro monografias, cujos temas estão em consonância com as experiências desenvolvidas no projeto.

Quanto à recepção da comunidade escolar dada aos bolsistas, ela afirma que os sujeitos reagiram de diferentes maneiras, variando de professor para professor. Alguns tiveram a curiosidade de conhecer novas metodologias de trabalho com crianças propostas pelos bolsistas, outros se



Professora Cassia Baptista Coordenadora do Subprojeto Pedagogia IM

interessaram pelas pesquisas acadêmicas desenvolvidas pelos bolsistas e houve até mesmo aqueles que ficaram felizes de poderem passar um tempo longe das crianças, enquanto os bolsistas desenvolviam atividades com elas referentes ao subprojeto. Mas, no geral, a recepção foi razoavelmente agradável, sem atritos entre os integrantes da comunidade universitária (PIBID) e os integrantes da comunidade escolar.

Os bolsistas são incentivados o tempo todo a desenvolver atividades diferenciadas com as crianças das escolas através do PIBID. Como exemplifica Cássia, eles realizam diversas oficinas:

— Nelas trabalhamos com as crianças de maneira a estimular o desenvolvimento à reflexão sobre a leitura e a escrita, usando a literatura. Já trabalhamos com jovens adolescentes e pré-adolescentes indicados pela escola, considerados alunos indisciplinados, com os quais desenvolvemos uma perspectiva de socialização. E em outra ocasião, trabalhamos o tema infância, escolas e cidadania.

A coordenadora aponta os resultados animadores dos trabalhos realizados nas escolas, que foram comunicados pelos próprios professores das escolas em que o PIBID atuou:

— O projeto acabou desenvolvendo quatro temáticas diferentes com as crianças, mas tendo como eixo central, em todos eles, a questão da arte, de pensarmos a educação como arte. Nesse aspecto, as crianças que participaram das oficinas, segundo os depoimentos de professoras e supervisoras, tiveram o rendimento melhorado em matemática e em língua portuguesa. Porém, não temos condições de confirmar esses dados empíricos trazidos por professores, porque isso implicaria em desenvolvermos uma pesquisa para poder acompanhar essas crianças antes e depois das oficinas, o que não foi feito, pois não era este o objetivo inicial — explica Cássia.

O PIBID também oferece a oportunidade dos licenciandos terem seus próprios artigos apresentados em congressos em outras universidades, além de publicações, como um livro derivado das ações desenvolvidas neste importante programa de formação de professores, como relata Cássia:

— O livro surgiu das demandas de experiências do PIBID. Foi organizado em dois volumes, um voltado para os professores e coordenadores do projeto e o segundo para os estudantes. Eles se sentiram muito valorizados com essa publicação, devido à importância do trabalho que desenvolveram nas escolas e também pela riqueza do trabalho desenvolvido nos outros subprojetos, que eles puderam constatar.

Mas, apesar de todos os pontos positivos destacados pela professora, ela faz também algumas observações quanto a melhorias necessárias para que o projeto venha a funcionar de maneira mais eficiente:

— Precisávamos aprofundar mais as trocas entre os subprojetos e com as escolas públicas. Isso é um grande desafio: nos aproximarmos das escolas e aproximar as escolas dos subprojetos, não fazendo disso apenas ações eventuais, mas ter essa participação e troca permanentemente. Considero isso um desafio, pois temos a problemática do tempo, da sobrecarga de trabalho, que, muitas vezes, se convertem em impedimentos — conclui Cássia.

Por Sandro Schutt



Olhares



O lixão e a questão do meio ambiente

Trabalhando com a realidade dos alunos de Seropédica

Foto: Arquivo PIBID Pedagogia Seropédica



Montagem de peça teatral com os alunos

O foco do subprojeto PIBID Pedagogia do Campus Seropédica da UFRRJ é a questão do meio ambiente. Esta escolha se deu pelo fato do subprojeto ser desenvolvido na Escola Municipal José de Abreu, localizada próxima ao lixão de Seropédica. A vinda do lixão para o município gerou muitas discussões e controvérsias na cidade e na Universidade, motivando à coordenação deste subprojeto a trabalhar com esta temática na escola:

— O subprojeto se desenvolveu em torno da pergunta inicial: De que maneira lidamos com o meio ambiente, pensando a questão das crianças que moram e estudam no entorno do lixão? — explica Eliane Fazolo, coordenadora do subprojeto.

Na tentativa de responder essa pergunta foram feitas subdivisões da temática do meio ambiente, buscando trabalhar o currículo escolar integrado a questões da história local, mostrando e explicando às crianças onde a escola se localiza e a distância que fica do lixão. Uma das ativi-

dades desenvolvidas nesse sentido foi o mapeamento feito com os alunos dos caminhos que eles percorrem da escola até a casa, da escola até a Universidade e da escola até o próprio lixão, para observarem a distancia e como isso pode afetar a vida deles.

Outra atividade desenvolvida pelo PIBID na escola é o estímulo à leitura com literatura infantil. A partir disso, os bolsistas PIBID trabalham com os alunos a constituição do indivíduo na sociedade, no ambiente em que eles estão inseridos (perto do lixão), que tem muitas características negativas e, assim, se pode perceber a realidade da vida destes alunos.



Professora Eliane Fazolo e a aluna bolsista Camila Pugialli



Através de material reciclado os alunos aprendem como cultivar alimentos em suas casas

São dez bolsistas PIBID que juntamente com uma coordenadora, duas colaboradoras e uma professora supervisora trabalham para que esse subprojeto tome forma. Um dos papéis da supervisora é observar e discutir como está sendo a atuação dos bolsistas na escola. Para tanto, todas as semanas ela se reúne com a coordenadora do subprojeto na Universidade, para mostrar como tem sido esse desenvolvimento e quais resultados positivos o subprojeto tem obtido. Eliane Fazolo explica que cada turma tem de três a quatro bolsistas PIBID atuando e, ao todo, são trabalhadas três turmas (2º, 3º e 4º ano) do ensino fundamental.

O Impacto da atuação como bolsista PIBID na formação dos licenciandos é de grande importância, sendo um diferencial nos cursos de licenciaturas da UFRRJ. Existe na grade curricular de cada curso o estágio obrigatório, entretanto, o PIBID possui outra perspectiva, possibilitando aos alunos elaborarem e vivenciarem a experiência pedagógica, estando, em diversos momentos, na “linha de frente”, atuando junto aos alunos. É uma proposta de formação muito interessante, na qual os alunos se envolvem intensamente no trabalho que está sendo desenvolvido, promovendo a experiências da docência:

— Os impactos nos dez alunos que participam do subprojeto são diferentes em relação a cada um, mas tem um resultado em comum, que é o crescimento dos licenciandos. Desde que o subprojeto começou até agora, foi observado um grande amadurecimento nos futuros pedagogos — fala com orgulho a coordenadora.

Por Mariana Ribeiro

Atividades feitas na sala de aula

Mapeamento: Um grupo específico trabalha com o mapeamento e desenvolve respostas para as seguintes perguntas: Onde fica localizada a escola? Em que bairro do município? Quais as comunidades que estão no entorno?

Foi distribuído para cada aluno um mapa impresso que possuía a localização espacial do Município de Seropédica, reduzido para o bairro Campo Limpo - onde a escola esta localizada - e reduzindo mais ainda para a área da escola. Os alunos ficaram encantados de ver no papel onde eles estão exatamente, e os bolsistas junto com os alunos traçaram o percurso que eles fazem de casa até a escola todos os dias. Depois, cada um fez o exercício de construir o próprio mapa, de acordo com o percurso que eles caminham para chegar à escola, bem como o trajeto da escola até os lugares que eles costumam frequentar, além de fazerem maquetes individuais construindo a escola, a rua da escola, onde fica o lixão e onde fica a casa deles. Isso possibilitou a tomada de consciência de localização espacial e geográfica.

Literatura: O grupo que trabalha com a literatura atua através da contação de histórias e da confecção de livros feitos pelos próprios alunos, com histórias relacionadas ao meio ambiente integradas à questão curricular.

Todas as atividades foram organizadas de acordo com o que a professora estava trabalhando dentro da sala de aula, para integrar o assunto ao trabalho do subprojeto, para não confundir as crianças com coisas que estivessem fora dos limites do que eles estão aprendendo em aula. Para tanto, foram utilizados métodos mais dinâmicos que a professora não havia usado ainda, para contribuir com o aprendizado dos alunos, como a atividade de construir maquetes, elaborar livros, mapear trajetos do dia a dia e fazer passeios. Um dos passeios organizados foi para a Rural, para uma visita à Embrapa, na Fazendinha Agroecológica, que teve muitos resultados positivos.



Olhares



A Atuação do PIBID/UFRRJ no CAIC

Paulo Dacorso Filho

Em meio às inovações e demandas do século XX, o PIBID UFRRJ vem proporcionando novas dinâmicas e atividades às escolas do Município de Seropédica



Vista lateral do CAIC Paulo Dacorso Filho

O PIBID UFRRJ tem desenvolvido seu projeto em algumas escolas do município de Seropédica, dentre elas o Centro de Atenção Integral à Criança Paulo Dacorso Filho, que se localiza em terreno da UFRRJ. A escola é comandada pela diretora Carmem Frade, que ratifica a importância das ações do PIBID realizadas dentro do CAIC, por estarem contribuindo para diversificar as atividades escolares e as dinâmicas pedagógicas, que na maioria das vezes são diferentes das atividades vividas em sala de aula.

Entrevistador: Como a senhora vê a atuação do PIBID UFRRJ no CAIC?

Carmen Frade: O PIBID possibilita uma formação mais ampla para os alunos, sempre inovando nas metodologias de interação para deixar as atividades mais participativas e com uma linguagem mais próxima dos alunos, utilizando instrumentos que estão inseridos no universo deles.

Cabe ressaltar que, para os bolsistas dos subprojetos elaborarem as atividades que serão oferecidas nas escolas, eles pesquisam antes o que pode interessar mais ao público específico, como a linguagem e o tema que irão ao encontro das necessidades que eles almejam num determinado momento, como forma de “romper a rotina”, “sair do cotidiano”. Por este motivo, busca-se utilizar metodologias diferenciadas, adequando-as aos diferentes contextos.

A Escola é menos dinâmica do que o mundo vivido, sendo indispensável a presença desse projeto dentro dela para trabalhar o conhecimento de forma mais ativa. O PIBID é um bom interlocutor, articulado, que procura se envolver e se adaptar à vida da escola e as suas atividades. Outro fator importante é o fato do projeto estar ajudando muito, sobretudo aos alunos, pelas suas diferentes abordagens na língua portuguesa e matemática, disciplinas nas quais os conteúdos são mais “diretos”.

Esta é uma iniciativa recente da Universidade. Inicialmente em 2010, o CAIC recebeu o PIBID de Letras e de Artes e no ano de 2013 foi incluído o PIBID de matemática. Mas, para explicar a inserção desse projeto na escola, primeiramente, foi feita uma apresentação para toda a comunidade, explicando o funcionamento do projeto, como seria o acompanhamento das atividades, a interação com os sujeitos e a estrutura do PIBID, tal como está instituída, com a atuação dos professores supervisores da escola e o professor coordenador da Universidade.

A existência do supervisor facilita bastante a aproximação com a escola, pois sem ele e sem sua perspectiva ficaria faltando um elo, porque é ele quem conhece e atua na escola e possibilita ao coordenador realizar a elaboração do subprojeto mais adequadamente. Assim, o supervisor atua como um bom interlocutor, dialogando e articulando as atividades do PIBID na escola.

Essa estrutura do bolsista vir ate aqui, pra ter essa interação com a escola, tem funcionado muito bem, a ponto até de solicitarmos o PIBID de matemática, por ser uma necessidade nossa.

Dentro do possível, o PIBID procura se inserir na vida da escola, na programação planejada, sempre com uma abertura enorme para ouvir o que a escola quer e precisa. É importante frisar que todas as três licenciaturas da UFRRJ que atuam com o PIBID no CAIC desenvolvem uma boa relação com a escola e sempre procuram saber quais as práticas que a escola está precisando desenvolver no momento.

O PIBID não é só o PIBID. Uma vez que ele entra na escola, ele precisa abraçar muitas coisas na

“É necessário ressaltar que não é só a escola que ganha com o PIBID, mas também a Universidade”

escola, viver a escola, tanto a vida pedagógica, quanto a vida cultural.

O PIBID UFRRJ no CAIC Paulo Dacorso Filho realiza diversas ações, como: exposições, oficinas, chá literário, elaboração de filmes-documentários, pequenos vídeos de animação, contação de historia com sombras, que possibilitam trabalhar a dimensão estética e a expressão artística e comunicativa dos alunos. São atividades que chamam a atenção dos adolescentes, por causa da multiplicidade do uso da linguagem, do desenvolvimento artístico e de interpretação.

É necessário ressaltar que não é só a escola que ganha com o PIBID, mas também a Universidade. Uma vez que os bolsistas dos cursos de licenciatura que atuam no PIBID serão professores como aqueles que já estão nas escolas onde eles “estagiam”, eles acabam por viver e conhecer desde já toda a rotina do ambiente escolar, o cotidiano e os conteúdos mínimos que precisam ser trabalhados, do mesmo modo que os professores que já estão formados e lecionam há anos.

Assim, com o PIBID há a oportunidade única e essencial de vivenciar e de perceber que existem práticas diferentes e mais motivadoras, que interagem mais com os alunos, ou seja, no processo de formação desses licenciandos, eles têm a sorte de experimentar a prática docente, possibilitando que, no futuro, quando vierem a atuar como docentes, façam a “diferença”.

O PIBID é um projeto onde se repensa a licenciatura, o que é algo muito significativo, que deve se expandir para Universidade, como um todo. O PIBID está aí para impactar as licenciaturas.

Por Mariana Ribeiro



Olhares



O suporte técnico do PIBID na UFRRJ

A opinião de quem ajuda o PIBID a acontecer

Anderson Moraes dos Santos, bacharel e licenciado em geografia, é o funcionário da Pró-reitoria de ensino e graduação (PROGRAD) responsável por fornecer suporte técnico aos coordenadores de área do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) no âmbito da UFRRJ, juntamente com a equipe de gestão do programa. Além de oferecer assistência aos coordenadores de área e aos coordenadores de gestão, a função exercida por Anderson é auxiliar os alunos bolsistas na relação com alguns setores da universidade, tais como o setor de transporte, para requisições de ônibus para atividades do PIBID; a imprensa universitária, para impressão de materiais relacionados às atividades do PIBID, dentre outros.

Tendo essa experiência acumulada na área administrativa, mas também possuindo formação docente, Anderson nos conta suas impressões sobre o PIBID como política educacional:

1) Atuando na área administrativa do programa, como você percebe a importância de um estudante participar de um subprojeto PIBID?

Além de ser bolsista de uma das principais agências de Fomento à pesquisa e ensino do país, a CAPES, o estudante inicia a prática docente com a orientação do Coordenador de área dentro da Universidade e com o professor supervisor dentro das escolas parceiras.

2) Quais são, em sua opinião, os principais benefícios para a vida acadêmica do Bolsista PIBID?

Através do PIBID o aluno desenvolve a prática de pesquisa, ensino e extensão. O bolsista PIBID, além da oportunidade de estar desenvolvendo a prática docente, participa de congressos e seminários, seja apresentando trabalho, seja como ouvinte, tendo contato direto com o que está sendo produzido e discutido em sua área de



Anderson Moraes

Foto: Comunicação PROGRAD

formação, além de ser estimulado a participar de oficinas e outras atividades ligadas ao ensino.

3) Você percebe que as atividades desenvolvidas pelos bolsistas PIBID tem influência em outros níveis de ensino além da graduação ou em outros ambientes além do Campus universitário?

Com certeza! Atuando na parte administrativa junto à universidade percebo isso como um dos aspectos mais interessantes do PIBID. As atividades tem início nos cursos de graduação, que desenvolvem projetos de ensino junto às escolas nos níveis fundamental e médio. Além disso, o ex-bolsista PIBID tem um diferencial em seu currículo junto aos programas de mestrado e concursos para o magistério, visto que é grande o número de pedidos de certificados pelos ex-bolsistas de iniciação à docência para comprovar seus períodos de atuação no Programa, referente à títulos.



Olhares

Wanderley da Silva, professor de Ensino de Filosofia, DTPE/IE/UFRRJ:

“Recomendo o inspirador e ácido conto de Lima Barreto, ‘O homem que sabia Javanês’ (São Paulo: Editora Biruta, 2003). Além de uma ótima e divertida leitura, pode favorecer a reflexão dos futuros docentes sobre o conhecimento, a instituição escolar e a sociedade brasileira.”



Fernando Gouvêa, professor de Sociologia da Educação, DTPE/IE/UFRRJ:

“Indico a leitura do livro ‘A fabricação do império americano - Da Revolução ao Vietnã: uma história do imperialismo dos Estados Unidos’, Autor: Sidney Lens, Editora Civilização Brasileira. Uma leitura instigante e reveladora para a compreensão dos posicionamentos antidemocráticos e autoritários do Império Norte- Americano no tempo presente.”

Andrea Berenblum, professora de Linguagem, Letramento e Alfabetização, DTPE/IE/UFRRJ:

“No livro ‘Preconceito linguístico. O que é, como se faz’, Marcos Bagno aborda criticamente a construção dos mitos acerca da ‘língua correta’ e nos convida a refletir sobre as diversas formas como o preconceito linguístico se manifesta, principalmente na sala de aula. Recomendo sua leitura para todos os licenciandos e professores.”





Sílvia Gonçalves, professora de Psicologia da Educação, DEPSI/IE/UFRRJ:

“O livro ‘Psicologia e Educação: conexões e diálogos’ de Valéria Marques e Rosane Braga de Melo, EDUR, 2013, traz uma aproximação entre Psicologia e Educação, através de discussão teórica e psicologia aplicada, para as questões atuais do cotidiano educacional. Considero que seja uma grande contribuição para aqueles que se encontram envolvidos com educação.”

Ramofly Bicalho, professor de EJA, Movimentos Sociais e Educação do Campo, DTPE/IE/UFRRJ:

“Gostaria de sugerir a leitura do livro ‘Educação do campo - Desafios para a formação de professores’ de Maria Isabel Antunes Rocha e Aracy Alves Martons (orgs.), BH, Editora Autêntica, 2001. Texto imprescindível para todos os educadores/as que lutam pela qualidade das escolas do campo no Brasil, na sua estreita ligação com as histórias, memórias, identidades e protagonismos dos Movimentos Sociais.”



Rosane Braga de Melo, professora de Aspectos Afetivos da Aprendizagem, DPSI/IE/UFRRJ:

“Indico o livro ALFABETIZAÇÃO NO SÉCULO XXI - COMO SE APRENDE A LER E A ESCREVER, organizado por Maria Regina Maluf e Claudia Cardoso Martins, pois abre uma série de questionamentos sobre evidências trazidas por diferentes áreas, incluindo a Psicologia, sobre O estudo científico da leitura. Embora em alguns aspectos traga posições controvertidas sobre o que se chama hoje ciência da leitura, o livro apresenta contribuições de pesquisadores, brasileiros e estrangeiros, que discutem uma das principais necessidades da educação brasileira: a de ensinar com êxito a leitura e a escrita, base de todas as demais aprendizagens escolares.”



Olhares



Equipe de estagiários que colaboraram com a revista

Phellype Gonçalves
6º Período de Jornalismo
Estagiário de Jornalismo



Mariana Ribeiro
4º Período de jornalismo
Estagiária de Jornalismo

Beatriz Sacramento
4º Período de Jornalismo
Estagiária de Jornalismo

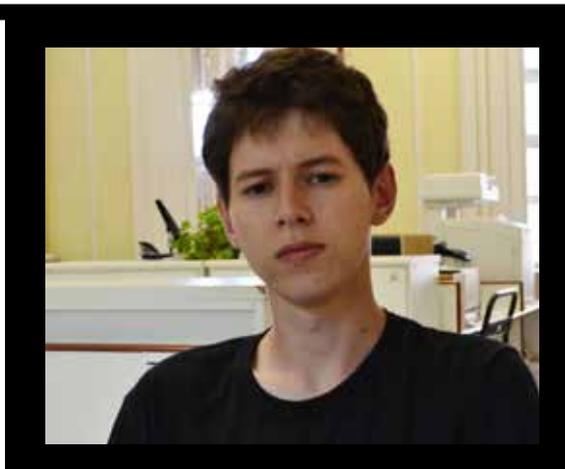


Lucas Lacerda
5º Período de Jornalismo
Estagiário de Jornalismo



Cynthia Dias
9º Período de Belas Artes
Estagiária de Belas Artes

Sandro Schütt
4º Período de Jornalismo
Estagiária de Jornalismo





Olhares



Teatro de sombras

Animação stop motion e o ensino de arte através da inclusão dos meios audiovisuais



Este trabalho teve origem dentro do Programa de Iniciação à Docência – PIBID – do curso de Licenciatura em Belas Artes da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ, sendo também vinculado ao projeto *Laboratório da Imagem Audiovisual: Experiências Didáticas do Ensino Artístico a partir da Inclusão dos meios Audiovisuais*, do mesmo curso, e vêm refletindo sobre as possibilidades didáticas com os recursos audiovisuais, em especial, a animação *stop motion*.

A capa desta edição da revista do PIBID é uma ilustração adaptada de uma imagem retirada da animação, que foi cedida pelo Subprojeto de Belas Artes e, então, trabalhada pela aluna Cynthia Dias, que apesar de não ser bolsista do PIBID, também é aluna do curso de Licenciatura em Belas Artes.



A ideia desta seção é mostrar um pouco mais da animação criada pelos alunos, que tem como tema o Descobrimento do Brasil, e apresentar o caminho para àqueles que tenham o interesse em assistir à animação. Para isso basta acessar o endereço <http://pibidbelasartes.blogspot.com.br/2013/06/apresentacao-teatro-de-sombras-martin.html>





Um passeio pelo *Campus Sede da UFRRJ* - em Seropédica - pelo olhar da aluna do 4º período de Jornalismo, Mariana Ribeiro. São belas imagens que apresentam a Universidade, considerada uma das mais bonitas do país.



Pibid

PROGRAMA INSTITUCIONAL DE
BOLSA DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA